(Des)viados socialistas na construção do "carnaval": gênese da luta pela liberdade sexual no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU)

RACHEL DA MOTA

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

RESUMO:

O artigo pretende apresentar parte da pesquisa, que nasceu da minha experiência como militante de um partido de esquerda e do diálogo que estabeleci com os/as militantes do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Este texto procura divulgar, a partir de um levantamento documental (registros escritos e fílmicos), parte do processo de incorporação da luta LGBTI+ no programa político do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). O PSTU, que reivindica o legado histórico da Liga Operária (LO) e da Convergência Socialista (CS), atua no movimento social LGBTI+ desde sua gênese, embora sua trajetória nessa área permaneça pouco investigada no meio acadêmico. O trabalho aponta que, apesar de possíveis entraves e disputas internas na legenda, o PSTU tem até hoje defendido a libertação sexual em sua linha política e atuado em manifestações políticas e culturais em torno da causa. Busco, com este trabalho, colaborar com a construção de uma história pública com os/as sujeitos(as) envolvidos na pesquisa, alargando as formas de produção de conhecimento, bem como ampliando os registros e difusão das histórias da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE:
Movimento LGBTI+. PSTU. Marxismo e diversidade sexual. História pública.

ABSTRACT:

This article aims to present part of a research project that stems from my experience as an activist in a left-wing political party and from the dialogue I established with members of the Unified Socialist Workers' Party (PSTU). Based on a documentary survey (written and film records), this text seeks to disseminate part of the process of incorporating the LGBTI+ struggle into the political program of the PSTU. The PSTU, which claims the historical legacy of the Workers' League (LO) and the Socialist Convergence (CS), has been active in the LGBTI+ social movement since its inception, although its trajectory in this area remains underexplored in academic circles. The study indicates that, despite possible internal conflicts and disputes within the party, the PSTU has consistently defended sexual liberation in its political line and has participated in political and cultural demonstrations related to the cause. Through this work, I aim to contribute to the construction of a public history alongside the individuals involved in the research, expanding the ways knowledge is produced and broadening the records and dissemination of the community's histories.

KEYWORDS:
LGBTI+ movement. PSTU. Marxism and sexual diversity. Public history.

(Des)viados socialistas na construção do "carnaval": gênese da luta pela liberdade sexual no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU)

RACHEL DA MOTA

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025



Figura 1 - Tecido de incoerência, 2025. Tela em tecido. Elaborada por Isaira da Mota e Rachel da Mota.

Apresentação

O desenho da pesquisa começou a tomar forma a partir do diálogo estabelecido com militantes do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) no ano de 2023. Na ocasião, participei da Parada do Orgulho Lésbico, Gay, Bissexual, Trans*[1] e demais dissidências de sexualidade e de gênero (LGBT+)[2] de São Paulo-SP e engajei-me na organização do "Bloco LGBTI+ de Esquerda", uma tarefa coordenada por integrantes do Coletivo LGBT Comunista[3] – do qual eu fazia parte na época –, em conjunto com militantes do PSTU.

[1] Optei por utilizar a nomenclatura "trans*" para aludir ao que é nomeado como transgênero ou transexual. Trata-se de uma referência às reflexões de Jack Habelrstam (2023, p. 27-48) acerca dos poderes da nomeação, mas também dos danos de definições concisas para se classificar experiências expansivas da diferença.

[2] Dentro do movimento LGBTI+ há uma extensa discussão política em torno de qual sigla deve ser utilizada. Neste texto, decidi fazer uso da "sopa de letrinhas" adotada pelas respectivas organizações citadas e, por isso, serão observadas variações das siglas no decorrer do artigo.

[3] O Coletivo LGBT Comunista se encontra no complexo partidário do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

A proposta do "Bloco LGBTI+ de Esquerda" composto por duas organizações comunistas, apresentava-se como uma ação atípica no cenário do movimento LGBTI+ brasileiro. Enquanto observava os enormes trios elétricos carregados com logos de empresas patrocinadoras – expressão de um projeto hegemônico dentro desse movimento social, que se consolidou em torno de ações coletivas pautadas pela lógica de parcerias público-privadas (TOITIO, 2016, p. 302) –, eu me via integrando um pequeno bloco que, entre outras reivindicações, denunciava a mercantilização da luta LGBTI+ e defendia, de forma mais ampla, a superação do capitalismo por meio de um processo revolucionário (LGBT COMUNISTA, 2023; SILVA, 2023a).

Ainda, na ocasião, não pude deixar de refletir sobre as trajetórias de ambas as organizações que compunham o bloco. Ao tentar reconstituir uma linha do tempo que abarcasse a atuação, os desafios, as transformações e até mesmo as disputas internas do PSTU e do Coletivo LGBT Comunista na luta pela libertação sexual, deparei-me com significativas lacunas.

Além disso, intrigava-me o fato de que o PSTU, desde a sua fundação (1994), se propôs a atuar na luta LGBTI+. Em contrapartida, o Coletivo LGBT Comunista havia sido fundado em 2015, embora o Partido Comunista Brasileiro (PCB) tivesse mais de um século de existência (NEVES, 2001, p. 171). Referida constatação fez com que eu buscasse materiais em diversos formatos, que pudessem dar conta especificamente da inserção da luta LGBTI+ no PSTU.

Quanto a essa minha indagação, há algumas publicações que demonstram o pioneirismo das organizações trotskistas em pautar as opressões sofridas por homossexuais (GREEN, 2003, p. 32; CRUZ, 2018, p. 261; KAREPOVS; LEAL, 2007, p. 183-184), diferentemente das organizações caracterizadas como "maoístas" ou "stalinistas", como o PCB. Entretanto, as análises tomam por objeto as organizações Convergência Socialista (CS), Organização Socialista Internacionalista (OSI) e Democracia Socialista (DS), todas estas participantes do processo de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e que, portanto, deixaram de atuar com completa autonomia ao se submeter às orientações de um partido.

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

Desse modo, percebe-se que a literatura passa a observar com maior fôlego a inserção da luta LGBTI+ no programa político-partidário e nas eleições petistas (GREEN, 2003, p. 17-39; SANTOS, 2016, p. 147-186; SILVA, 2018; CRUZ, 2018, p. 255-278). Dando pouca atenção aos debates já realizados há décadas nas fileiras do PSTU (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 139), organização que surgiu de um racha com o PT em 1992 e que foi fortemente influenciada pelos acúmulos teórico-políticos da Liga Operária (LO) e da CS (GREEN, 2003, p. 17; PSTU, 2004; KAREPOVS; LEAL, 2007, p. 157-159, 168-178, 185-198).

Assim, este trabalho tem como objetivo reconstituir, ainda que não em sua completude, o processo de incorporação da luta LGBTI+ pelo PSTU. Para isso, empeço com um breve histórico acerca do início do "Movimento Homossexual Brasileiro" (MHB) e a apresentação de um dos seus principais debates, a questão da autonomia do MHB frente aos partidos políticos, que foi fortemente protagonizado entre figuras do grupo Somos e da Convergência Socialista (CS) (havendo militantes da CS que concomitantemente compunham o Somos, como James Green). Ainda, na primeira seção, aponto que, tanto os ex-militantes da extinta Convergência Socialista, como a literatura especializada, retomam as trajetórias das organizações clandestinas de esquerda Liga Operária (LO) e CS para se compreender as origens do PSTU, bem como eventuais legados e acúmulos teórico-práticos do partido.

Na segunda seção, apresento ao/à leitor(a) o militante Wilson Honório da Silva, cofundador e ainda militante do PSTU, que elaborou o documento intitulado "Sobre o programa para homossexuais" (SILVA, 1994) - durante o congresso de fundação da agremiação partidária em 1994. Nessa seção, busco analisar o texto do documento e contextualizar o momento em que foi escrito.

Além disso, neste artigo, adoto a perspectiva da história pública, considerando a importância de divulgar amplamente o conhecimento histórico para além dos muros da Academia (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 7). Enfatizo, também, que a história pública não se refere apenas ao alargamento da *divulgação* histórica, mas à uma prática ou atitude historiadora voltada à participação de públicos *outros* que não apenas o(a)

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

historiador(a)/investigador(a), sem que se abra mão da ciência histórica (ROVAI; MEDEIROS, 2021, p. 140).

A noção prática mencionada anteriormente revelou-se fundamental para a elaboração deste trabalho, que contou com a participação ativa dos(as) militantes do PSTU. Seus esforços em disponibilizar os documentos do acervo da organização, as diversas conversas concedidas e até os gentis convites para atividades partidárias permitiram-me compreender melhor a dinâmica interna do grupo, além de acessar memórias ainda não documentadas – contribuições decisivas para o desenvolvimento do artigo[4].

Complemento - sem poder adensar acerca da utilização das metáforas na produção e circulação do conhecimento científico (COSTA, 2024a) -, impreterivelmente e especificamente, trazendo a noção de figuração. A figuração está presente em diferentes obras de Donna Haraway, o que talvez dificulte condensar em poucas linhas todas as potências e reflexões nela imbricadas, sendo assim, coloco a excelente síntese elaborada pela artista e antropóloga Clarissa Costa, que nos diz:

> "A proposta de Haraway é a utilização da figuração com o objetivo de, a partir do que existe, se engajar em um processo criativo de subversão dessa lógica temporal. Com as figurações, exercitamos uma dimensão especulativa em nossas pesquisas, na esperança de produzir pensamentos, práticas e mundos diferentes" (COSTA, 2024b).

Dessa maneira, para habitar a minha pesquisa, confeccionei a figuração da costura. Recentemente, enquanto lia "Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história", de Paul Veyne (1998, p. 25-28), deparei-me com o entendimento do autor de que todo livro de história também pode ser compreendido como um tecido de incoerência. O/a historiador(a) lida constantemente com as lacunas da história, eventos não documentados e tidos como "não-factuais", busca aquilo que ainda se pode saber e atribui relevância a algum fato em detrimento de outro ao redigir o seu texto para, assim, fazer uma reconstituição.

Inspirada por essas palavras, refleti sobre as limitações da minha pesquisa e o processo de elaboração adotado por mim (metodológico). E, assim, o meu modo de caminhar junto ao tema foi me fazendo valer da costura. A costura, apesar de poder ser realizada por

[4] O artigo se detém, sobretudo, à análise documental e bibliográfica. Entretanto, a minha dissertação de mestrado contará com todos os caminhos percorridos no trabalho de campo, como, transcrições das entrevistas e análises das observações dos eventos do PSTU.

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

máquinas e até mesmo quase sem interferência humana, remete-nos, sobretudo, ao manual. À uma tarefa que possui profunda conexão com as mulheres ou corpos lidos como femininos. Pensar no fazer da pesquisa como uma costura, permite me situar como uma pesquisadora em um lugar que historicamente foi e ainda é predominantemente habitado por homens brancos cis-heterossexuais com inúmeros privilégios de classe. Possibilita que eu me atente a um antigo saber que é praticado e ensinado longe da Academia, mas que está fortemente presente no nosso cotidiano, viajando entre o útil e o estético.

Então, desfiando meu pensamento, encaro a costura não apenas em seu significado/sentido literal, apesar de me utilizar dele e de todas as ações que o fazer da costura possa contemplar para as minhas demais interpretações. O ato de costurar implica na união de duas ou mais partes de tecido utilizando agulha(s) e linha(s). Sistematizar diversas partes de tecidos variados, - entre eles: memórias, teorias, documentos, observações, saberes - para compor a peça (artigo) faz de mim uma costureira.

Com a linha, conduzo o rumo deste texto. Alinhavo o aporte teórico às preciosas e fundamentais contribuições dos(as) sujeitos(as) diretamente relacionados à pesquisa. Direciono a agulha ao pedaço do tecido escolhido, mas o coser implica em um vaivém. A agulha também se direciona a mim. O que me é compartilhado, em alguma medida, me atravessa. Durante toda essa confecção, além de tecer questões, objetivos, técnicas e até mesmo parágrafos, pude tecer afetos e relações. Essa compreensão me permitiu relembrar a cada passo a necessidade de que o processo fosse dialógico. De que para além de apresentar as questões aos/às sujeitos(as) da pesquisa e me guiasse apenas na obtenção das respostas, que eu me permitisse (re)conhecê-los(as) em sua completa condição *humana*. Mais do que pensar na conclusão ou pontos de partida dessa análise, também ressalto veementemente a relevância do desenvolvimento da pesquisa, que me proporcionou acessar lugares não imaginados no esboço da investigação[5].

[5] Ser um(a) "herege" na Academia é decidir "ficar com o problema" (HARAWAY, 1985, p. 35). Atuamos pelas margens e perseguimos as fendas para propor a trans-formação. Aterrisando na materialidade, temos, ainda que busquemos subverter, que seguir certas regras do jogo. Nesse sentido, temos prazos/cronogramas, todo um sistema classificatório de produtividade, a necessidade de "produzir" pesquisas que atendam os requisitos para algum financiamento e outras tantas normas rígidas burocráticas que tolhem constantemente a nossa criatividade

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

E, encerrando as considerações iniciais, entendo ser de suma importância explicar a escolha da escrita em primeira pessoa do singular, bem como a opção por mencionar alguns pontos da minha trajetória, sobretudo como militante socialista e do movimento LGBTI+. O uso da primeira pessoa no corrente texto se dá por três principais razões, que perpassam noções epistemológicas e metodológicas.

Em primeiro lugar, o fato das memórias LGBTI+ no Brasil serem recorrentemente escritas e publicadas por pessoas da comunidade. Dessa maneira, observo que há um forte entrelaçamento entre as questões comumente tidas como "privadas/domésticas/íntimas/pessoais" das "públicas/profissionais". Pretendo, então, tensionar essa rígida divisão binária que propomos e que também serviu para entendermos o que seria o espaço do masculino (= público) e do feminino (= privado) na nossa sociedade e, assim, retomo as potentes palavras de bell hooks, que nos lembrará do quanto as questões mais existenciais podem trans-bordar para as questões acadêmicas:

> Cheguei à teoria porque estava machucada - a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguia continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (HOOKS, 2017, p. 83).

Ademais, busco ressaltar a localização dos saberes contidos nessa publicação. Sem que se invoque o mais radical relativismo, coloco-me responsável por esse movimento de expor um ponto de vista subalternizado, encarnado e parcial. Deste modo, também me abro para o questionamento, processo elementar na construção do conhecimento racional e que de fato nos possibilita alcançar a objetividade científica, que não é inocente e nem mesmo livre de valores (Haraway, 1995).

Também, assim como Anzaldúa (2021, p. 281) e tantas *outras*, passo a desenvolver minhas ideias e reflexões críticas a partir do que me preocupa, do que me enoja e do que me gera conflitos. Ser socialista e LGBTI+ me permitiu vivenciar para além da violência mais cotidiana na nossa sociedade, disputas internas em organizações partidárias acerca da relevância da luta contra as opressões. Um dos grandes debates, infelizmente ainda vigente

e experimentação. Mas dentro do que lhe for possível, convido o/a eventual leitor(a) acadêmico(a), a observar e se regozijar com o processo de investigação, sem que se valorize apenas o "acabado", a "mercadoria".

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

nas esquerdas, é o lugar da luta contra as opressões na emancipação *humana*. Servindo como "boi de piranha", as "pautas" anti-opressões tendem a ser lidas como fragmentária ao principal: a luta de classes (MARTINS DE PAULA *et al*., 2023, p. 6; MARTINS; OLIVEIRA, 2023, p. 58). Desse modo, muito me interessa conhecer e *divulgar* ações políticas que visem superar ou questionar essa falsa dicotomia.

1. Um breve histórico da Facção Homossexual (CS) ao PSTU

Na época do "Bloco de Esquerda", eu estava em plena imersão nos textos indicados para a "formação básica" do LGBT Comunista. Entre as leituras feitas, definitivamente a obra "História do Movimento LGBT no Brasil" foi a que me proporcionou as maiores inquietações. Nela, fui apresentada à extinta organização trotskista chamada Convergência Socialista (CS) que, por meio de sua Facção Homossexual liderada pelo "gringo"[6] James Green (*et al.*, 2018, p. 63-78; 2024, p. 34), atuou desde os primórdios do que outrora se denominou como Movimento Homossexual Brasileiro (MHB)[7].

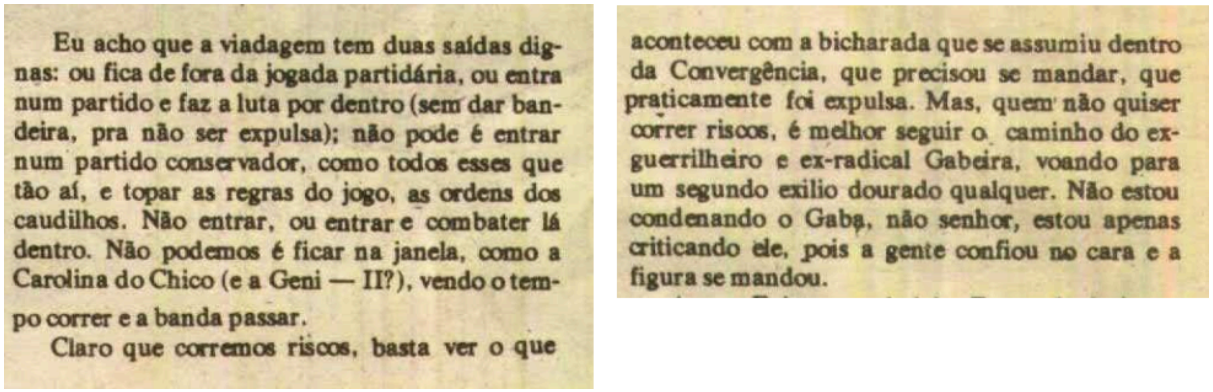
No início do MHB, uma das principais discussões colocadas seria em torno da sua autonomia frente aos partidos políticos, sobretudo aos de esquerda, que se opunham à ditadura civil-militar (CARNEIRO, 1980, p. 2; SILVA, 1998, p. 34-35; TREVISAN, 2000, p. 353-363; MACRAE, 2018, p. 44-53; GREEN, 2018, p. 68-69). Enquanto havia um grupo que ferrenhamente se recusava a estabelecer qualquer articulação com os partidos políticos - posição de certo modo compreensível diante do conservadorismo das organizações de esquerda, quando o assunto era sexualidade (GREEN, 2003, p. 32-36; OKITA, 2007, p. 113), que por vezes classificavam a sexualidade como um "desvio burguês" -, a Facção Homossexual buscava realizar uma ponte entre o movimento homossexual e setores da esquerda, sob o argumento de que as lutas contra as opressões e contra a exploração seriam indissociáveis (OKITA, 2007, p. 116-120; FH, 1980a, p. 2).

[6] Green, homem gay e estadunidense de origem *quaker*, utiliza essa expressão para referir-se a si mesmo (2024, p. 17).
[7] O Movimento Homossexual Brasileiro tem seu início no final da década de 1970, portanto, sob a ditadura civil-militar (GREEN *et al.*, 2018, p. 10).

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

A referida controvérsia fica particularmente evidente na troca de textos entre duas publicações. O primeiro, no jornal O Lampião da Esquina escrita como artigo de opinião entitulado como "Esquerda, direita, um dois" e, posteriormente, na resposta elaborada pela Facção Homossexual no periódico da Convergência Socialista (CS), como demonstrado nos seguintes excertos:

Figura 2 - Parágrafos 7° e 8° do artigo de opinião "Esquerda, direita, um dois":

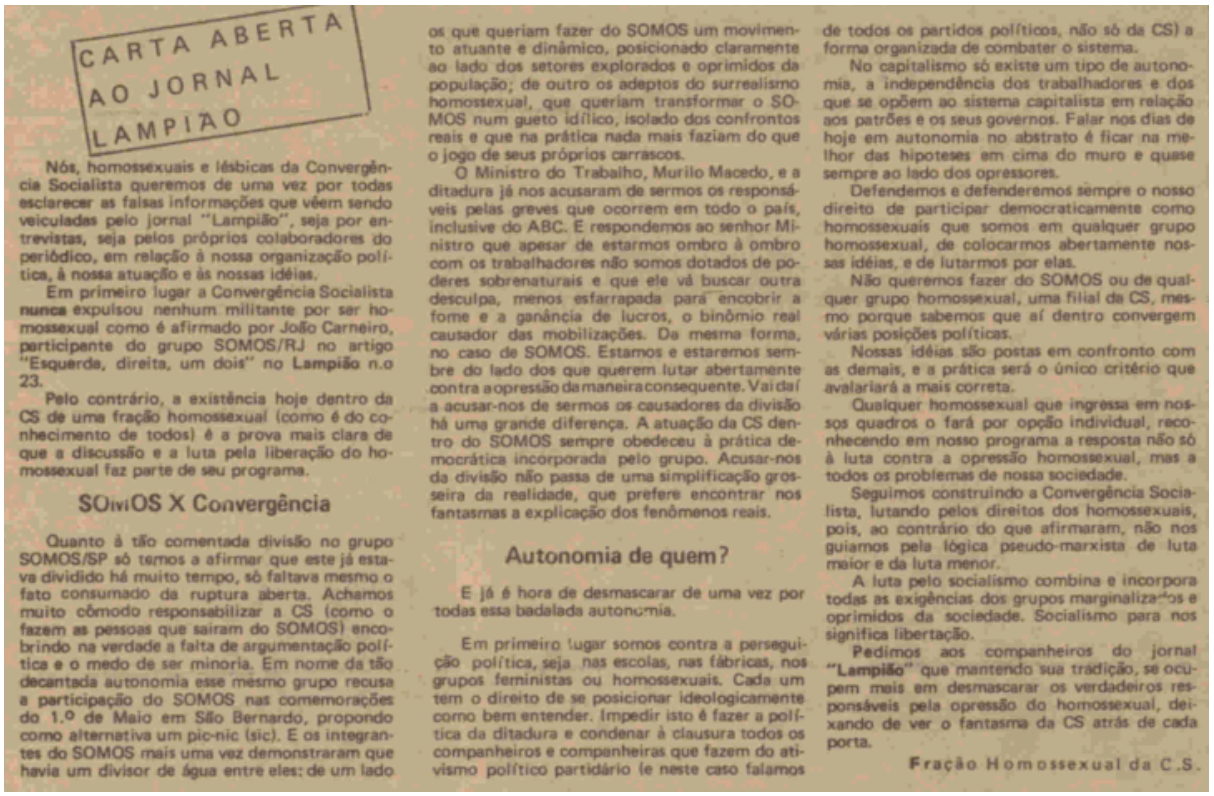


Eu acho que a viadagem tem duas saídas dignas: ou fica de fora da jogada partidária, ou entra num partido e faz a luta por dentro (sem dar bandeira, pra não ser expulsa); não pode é entrar num partido conservador, como todos esses que tão aí, e topar as regras do jogo, as ordens dos caudilhos. Não entrar, ou entrar e combater lá dentro. Não podemos é ficar na janela, como a Carolina do Chico (e a Geni — II?), vendo o tempo correr e a banda passar.

Claro que corremos riscos, basta ver o que aconteceu com a bicharada que se assumiu dentro da Convergência, que precisou se mandar, que praticamente foi expulsa. Mas, quem não quiser correr riscos, é melhor seguir o caminho do ex-guerrilheiro e ex-radical Gabeira, voando para um segundo exilio dourado qualquer. Não estou condenando o Gaba, não senhor, estou apenas criticando ele, pois a gente confiou no cara e a figura se mandou.

Fonte: Lampião da Esquina, 1980, ano 2, n° 23, p. 2.

Figura 3 - "Carta aberta ao jornal Lampião"



CARTA ABERTA AO JORNAL LAMPIÃO

Nós, homossexuais e lésbicas da Convergência Socialista queremos de uma vez por todas esclarecer as falsas informações que vêem sendo veiculadas pelo jornal "Lampião", seja por entrevistas, seja pelos próprios colaboradores do periódico, em relação à nossa organização política, à nossa atuação e às nossas idéias.

Em primeiro lugar a Convergência Socialista **nunca** expulsou nenhum militante por ser homossexual como é afirmado por João Carneiro, participante do grupo SOMOS/RJ no artigo "Esquerda, direita, um dois" no **Lampião** n.o 23.

Pelo contrário, a existência hoje dentro da CS de uma fração homossexual (como é do conhecimento de todos) é a prova mais clara de que a discussão e a luta pela liberação do homossexual faz parte de seu programa.

SOMOS X Convergência

Quanto à tão comentada divisão no grupo SOMOS/SP só temos a afirmar que este já estava dividido há muito tempo, só faltava mesmo o fato consumado da ruptura aberta. Achamos muito cômodo responsabilizar a CS (como o fazem as pessoas que sairam do SOMOS) encobrindo na verdade a falta de argumentação política e o medo de ser minoria. Em nome da tão decantada autonomia esse mesmo grupo recusa a participação do SOMOS nas comemorações do 1.º de Maio em São Bernardo, propondo como alternativa um pic-nic (sic). E os integrantes do SOMOS mais uma vez demonstraram que havia um divisor de água entre eles: de um lado os que queriam fazer do SOMOS um movimento atuante e dinâmico, posicionado claramente ao lado dos setores explorados e oprimidos da população; de outro os adeptos do surrealismo homossexual, que queriam transformar o SOMOS num gueto idílico, isolado dos confrontos reais e que na prática nada mais faziam do que o jogo de seus próprios carrascos.

O Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, e a ditadura já nos acusaram de sermos os responsáveis pelas greves que ocorrem em todo o país, inclusive do ABC. E respondemos ao senhor Ministro que apesar de estarmos ombro à ombro com os trabalhadores não somos dotados de poderes sobrenaturais e que ele vá buscar outra desculpa, menos esfarrapada para encobrir a fome e a ganância de lucros, o binômio real causador das mobilizações. Da mesma forma, no caso de SOMOS. Estamos e estaremos sempre do lado dos que querem lutar abertamente contra a opressão da maneira consequente. Vai daí a acusar-nos de sermos os causadores da divisão há uma grande diferença. A atuação da CS dentro do SOMOS sempre obedeceu à prática democrática incorporada pelo grupo. Acusar-nos da divisão não passa de uma simplificação grosseira da realidade, que prefere encontrar nos fantasmas a explicação dos fenômenos reais.

Autonomia de quem?

E já é hora de desmascarar de uma vez por todas essa badalada autonomia.

Em primeiro lugar somos contra a perseguição política, seja nas escolas, nas fábricas, nos grupos feministas ou homossexuais. Cada um tem o direito de se posicionar ideologicamente como bem entender. Impedir isto é fazer a política da ditadura e condenar à clausura todos os companheiros e companheiras que fazem do ativismo político partidário (e neste caso falamos de todos os partidos políticos, não só da CS) a forma organizada de combater o sistema.

No capitalismo só existe um tipo de autonomia, a independência dos trabalhadores e dos que se opõem ao sistema capitalista em relação aos patrões e os seus governos. Falar nos dias de hoje em autonomia no abstrato é ficar na melhor das hipoteses em cima do muro e quase sempre ao lado dos opressores.

Defendemos e defenderemos sempre o nosso direito de participar democraticamente como homossexuais que somos em qualquer grupo homossexual, de colocarmos abertamente nossas idéias, e de lutarmos por elas.

Não queremos fazer do SOMOS ou de qualquer grupo homossexual, uma filial da CS, mesmo porque sabemos que aí dentro convergem várias posições políticas.

Nossas idéias são postas em confronto com as demais, e a prática será o único critério que avaliará a mais correta.

Qualquer homossexual que ingressa em nossos quadros o fará por opção individual, reconhecendo em nosso programa a resposta não só à luta contra a opressão homossexual, mas a todos os problemas de nossa sociedade.

Seguimos construindo a Convergência Socialista, lutando pelos direitos dos homossexuais, pois, ao contrário do que afirmaram, não nos guiamos pela lógica pseudo-marxista de luta maior e da luta menor.

A luta pelo socialismo combina e incorpora todas as exigências dos grupos marginalizados e oprimidos da sociedade. Socialismo para nos significa libertação.

Pedimos aos companheiros do jornal **"Lampião"** que mantendo sua tradição, se ocupem mais em desmascarar os verdadeiros responsáveis pela opressão do homossexual, deixando de ver o fantasma da CS atrás de cada porta.

Fração Homossexual da C.S.

Fonte: Convergência Socialista, 1980, ano 2, n° 16, p. 2.

Ademais, parte da atuação desenvolvida pela Facção Homossexual da CS foi registrada em dois boletins publicados pelo próprio grupo (FH, 1981a; FH, 1981b), nos periódicos da CS, bem como em artigos acadêmicos escritos pelo historiador e ex-militante da CS James Green (2000; 2003; 2018; 2024).

Contudo, logo no início da década de 1980, o MHB entra em um processo de desaceleração. Sobre isso, Hiro (OKITA, 2007, p. 94-95) afirma que a inatividade do movimento se dava em decorrência da fragmentação política. Em contrapartida, Trevisan (2000, p. 353-363) - outra importante liderança do MHB, sobretudo no grupo Somos[8] -, que se mostrava avesso a qualquer aproximação do movimento social com os partidos de esquerda, entendeu que a desmobilização do MHB teria ocorrido como consequência da

[8] Grupo de grande relevância no movimento homossexual brasileiro (década de 1970) (GREEN *et al.*, 2018, p. 10; GREEN, 2018, p. 70-71).

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

"infiltração" de militantes da CS no Somos. Para ele, os trotskistas teriam tomado o poder sobre o grupo com o objetivo de destruí-lo.

Ainda, Rodrigo Cruz (2018, p. 255-256) traz outros esforços da literatura para explicar o "declínio" do MHB. Uma das razões seria a pandemia de HIV/AIDS, que inviabilizou pautas acerca da liberação sexual e promoveu a reorientação do MHB, que nesse momento passou a demandar condições materiais ao Estado para que a população LGBTI+ deixasse de ser dizimada (SOLIVA, 2018, p. 128-129; GREEN, 2000, p. 286-287).

Além disso, outro argumento trazido (CRUZ, 2018, p. 255-256) é de que no início da década de 1980 houve um abrandamento da repressão e da censura, junto ao resgate de direitos individuais e à ampliação das possibilidades de consumo voltadas à comunidade homossexual, o que trazia uma certa percepção de liberdade. Por fim, o autor aponta que a instabilidade econômica poderia ter prejudicado a capacidade dos ativistas de destinar recursos financeiros aos grupos do MHB.

E é nesse momento que Cruz (2018, p. 255-277) visualiza o que Okita (2000, p. 94-95) também afirmou: um horizonte mais estável entre o movimento LGBTI+ e a esquerda. Pois a partir da Reforma Partidária de 1979 e da proximidade das eleições de 1982, parcela dos militantes LGBTIs se empenhou na legalização do PT e nas campanhas das candidaturas petistas. Sobre este ponto, ressalto que a Convergência Socialista foi uma das forças que participou da fundação do PT (FARIA, 2005, p. 240-242; KAREPOVS; LEAL, 2007, p. 168-173).

Durante o período em que a CS atuava como corrente interna do PT (1979-1992), há parca documentação no acervo do PSTU (León Trotsky Archive)[9] sobre as suas ações à respeito da luta pela libertação homossexual[10], ainda que a Convergência tenha mantido um jornal próprio por todo esse tempo. Aliás, o fato da CS ter permanecido com um periódico independente do PT é colocado como um dos pontos de tensionamento entre a corrente e o

[9] O acervo León Trótsky é uma iniciativa colaborativa entre diversas organizações que compõem a Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional (LIT-QI), sendo o PSTU uma delas. Deste modo, o acervo permite acessar documentos referentes às extintas Liga Operária (LO), Convergência Socialista (CS) e o PSTU, bem como à documentação de várias outras organizações trotskistas que compõem a LIT-QI.

[10] Utilizo o termo homossexual, tendo em vista que é a palava usada pela própria organização há época.

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

partido. Sendo essa conduta da CS avaliada por alguns membros do PT, incluindo a sua direção, como uma das evidências de que a CS se propunha a ser uma organização independente, um partido político, com organização e atuação política próprias (KAREPOVS; LEAL, 2007, p. 193).

Entre os raros registros da Facção Homossexual no jornal da Convergência Socialista, destaca-se o artigo em que noticia a "1ª Conferência Homossexual" da CS[11], realizada em 14 e 15 de março de 1981 (CS, 1981, p. 15). Contudo, diferentemente de outros eventos organizados pelo grupo - como congressos e conferências - não há registros detalhados das discussões ocorridas durante o encontro, restando apenas o relato publicado no periódico.

A posição pública adotada pela tendência interna do PT era de convidar ativistas que compreendessem a relação entre as lutas dos(as) explorados(as) e dos(as) oprimidos(as) a ingressarem no PT. Aliás, a própria Facção Homossexual alertava para a presença de militantes "anti-homossexuais" no PT e para a condição de disputa da linha política sobre a "questão homossexual" - o que exigiria esforços organizados para que o partido assumisse efetivamente essa luta em seu programa.

Nesse sentido, ao menos em uma pesquisa documental, há diversos entraves de se individualizar a atuação da própria CS, quando integrante do PT. A fim de preencher algumas lacunas, busquei conversar com militantes do atual PSTU, que fizeram parte da CS naquele período. Entretanto, não obtive muitas respostas que pudessem trazer mais detalhes de como se dava a luta LGBTI+ conduzida pela CS, bem como as condições das disputas internas no PT acerca da questão sexual[12]. No entanto, o que se pode dizer é que, em alguma medida, o PT se demonstrou como uma via institucional aberta para as pautas LGBTI+.

O programa blasfemo

[11] Na plataforma do acervo da LIT-QI e, portanto, também do PSTU, busquei pelas seguintes palavras-chaves: "homossexual"; "homosexual", "gay", "lésbica", "LGBT" e "LGBTI". Notei, no entanto, que nem sempre os resultados encontrados traziam todos os documentos que contivessem os termos supracitados. É possível, então, que o acervo ainda se encontre em etapas de organização das informações dos documentos armazenados. Desse modo, alguns dos documentos elencados neste trabalho são fruto de um processo de "garimpagem" que realizei.

[12] Utilizo o termo "sexual" sem ignorar o fato de haver farta produção bibliográfica sobre a intrínseca relação entre as opressões de gênero e sexual (VOGEL, 2022).

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

A blasfêmia exige que se leve as coisas a sério. Não se trata, diferentemente do que se possa imaginar, de uma apostasia[13] (HARAWAY, 1985, p. 35). É com essa reflexão de Donna Haraway, bióloga e filósofa (LEODORO, 2022) com formação católica (WEIGEL; HARAWAY, p. 24), que venho desenredar alguns fios a fim de se contextualizar e analisar o documento intitulado "Sobre o programa para homossexuais" elaborado e enviado ao congresso de fundação do PSTU pelo militante Wilson Honório da Silva (1994).

Quando participei do "Bloco LGBTI+ de Esquerda" em 2023, pude finalmente cruzar com o Wilson. Naquele momento, trocamos algumas palavras e já mencionei que estava tecendo um projeto de pesquisa que abordasse a luta LGBTI+ travada pelo PSTU. Esse foi o primeiro ponto de encontro entre tantos outros que tivemos.

Até então, eu conhecia pouquíssimo sobre a trajetória de Wilson, mas, ao assistir a suas entrevistas e falas, sabia que se tratava de um antigo militante socialista, negro e gay (SILVA, 2023b). Seu primeiro contato com o marxismo se deu através da teologia da libertação (LEMARX, 2021), percurso que contribuiu para que integrasse a CS no final dos anos 1970. Wilson também participou da CS, enquanto compunha o PT e, posteriormente, envolveu-se ativamente no processo de fundação do PSTU, onde permanece como militante até os dias atuais (NEAM, 2024).

Em 1992, após a CS ser expulsa do PT, a Convergência liderou o movimento de construção de um novo partido[14] legalizado a partir da criação de uma frente revolucionária (CS, 1992, p. 11). Nesse processo de constituição de uma nova legenda, Wilson Honório da Silva e Zeca Braunschweiger (1993, p. 5) publicam em coautoria o texto "Homossexuais têm direito à diferença" no periódico da CS. O artigo faz um balanço do movimento homossexual, trazendo também informações sobre a conjuntura internacional, especificamente nos Estados Unidos da América. Entretanto, além disso, o escrito possui um tom crítico e propositivo.

[13] Renúncia definitiva da crença, fé ou religião.

[14] Que viria a se tornar o PSTU em 1994 (KAREPOVS; LEAL, 2007, p. 196). Apesar do processo de constituição de uma nova agremiação partidária ter um forte protagonismo da CS, vale mencionar, que o PSTU foi formado por diferentes forças políticas (OKITA, 2007, p. 7). É nesse sentido, que o partido tem a palavra "unificado" ao final de sua sigla.

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

Os autores denunciam ideias e ações "homofóbicas"[15], que circulavam em sindicatos e partidos, como podemos ver no seguinte trecho:

> Em uma outra versão da ideologia da discriminação, um pouco mais elaborada, mas tão nefasta e reacionária quanto, circula abertamente no movimento sindical e estudantil quando se tenta mascarar o preconceito com o discurso de que 'bichas, negros e mulheres' devem esperar até que os 'podres podreres' sejam definitivamente destituídos, para poderem, então, exercer seu direito à diferença. Para os homossexuais, contudo, não há mais o que esperar. O momento é agora. Basta de opressão e preconceito (Silva; Braunschweiger, 1993, p. 5).

Evidentemente, o que custa lembrar é que: os partidos, movimentos sociais, organizações políticas em geral se inserem na sociedade. Ainda que busquem com afinco construir um novo futuro livre de exploração e, mais que isso, que estabeleça a emancipação *humana*, noções discriminatórias e preconceituosas também atravessam esses espaços. Esse é um dos pontos fundamentais traçados por Wilson e Zeca.

Contudo, diferentemente de se colocar avesso à instituição partidária e à tradição marxista, Wilson blasfema contra a linha política fortemente difundida entre organizações socialistas e comunistas - que sistematicamente marginalizava a questão da diversidade sexual. Quando não ignorava completamente essa pauta, a tratava como questão secundária, reduzindo as lutas contra as opressões ao âmbito do "meramente" cultural (VIEIRA, 2024, p. 3-4). Wilson também "fica com o problema" e se propõe a disputar e construir um programa partidário que reconheça a condição *humana* de todas as pessoas, bem como as especificidades do diverso que compõe a classe trabalhadora. Sem que se deixe de mencionar que as opressões, ainda que de outras maneiras, afetam toda a classe.

É nessa toada que, em 29 de maio de 1994, Wilson envia ao congresso de fundação do PSTU o documento "Sobre o programa para os homossexuais". Em todo o acervo, o texto de Wilson se mostra o único - ao menos, até o momento, do que foi armazenado e disponibilizado -, que toca na questão "homossexual". O militante inicia a sua carta informando aos/às leitores(as) de que a própria organização partidária havia lhe solicitado em outubro de 1993 a elaboração de um programa sobre a questão "homossexual" (SILVA, 1994, p. 1) com o intuito de ser apresentado para a discussão programática do partido em formação.

[15] Expressão utilizada há época.

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

O fato que se mostra relevante ao colocar a direção partidária sensível à luta pela libertação sexual também se encontra em contradição. O programa geral e final do partido[16], que fora publicado, não contemplava as contribuições de Wilson. Segundo Wilson, duas razões foram apontadas: a) o programa sobre "homossexuais" ainda estava sendo elaborado e, portanto, não havia sido entregue - informação que Wilson contesta; b) o disquete, que continha o arquivo do texto redigido por Wilson, teria sido extraviado (SILVA, 1994, p. 1). Sendo assim, a reapresentação do programa sobre "homossexuais" seria a única maneira de garantir a sua publicação. Diante disso, o militante não deixa de expor a sua opinião:

> Todo o episódio, no meu entender, só reforça a necessidade de que se abra uma clara e ampla discussão sobre a questão da homossexualidade no partido. Nada, a não ser a pouquíssima relevância que se dá ao tema, e a razoável desconsideração com o qual ele é tratado, pode justificar o ocorrido. E, queiramos ou não essa postura esconde preconceitos que temos que combater.
> Nesse sentido, entrego novamente a íntegra do programa originalmente escrito. Ciente das dificuldades que sua publicação (na "última-hora") pode acarretar, sei que podem haver eventuais cortes, mas espero que estes não prejudiquem a compreensão geral do texto e da questão.
> Seja como for, espero que ele contribua para iniciar uma discussão que, definitivamente, nos coloque no marco da luta contra a opressão que atinge milhares de pessoas neste país, em todos os âmbitos da sociedade e, infelizmente, até mesmo dentro das fileiras de um partido revolucionário. (SILVA, 1994, p. 1).

A análise de Wilson sobre as opressões sofridas até mesmo dentro de um partido/organização revolucionária evocam a lembrança da vida de Herbert Daniel, revolucionário e gay, que viveu uma "dupla clandestinidade". Para além de recorrer à clandestinidade diante da repressão estatal, Herbert ocultava também a sua sexualidade de seus próprios camaradas. Abdicou-se de se envolver afetivo-sexualmente com pessoas do mesmo gênero por anos ao se defrontar com o que Green (GREEN; LIMA; MACHADO, 2020, p. 4) chama de "masculinidade revolucionária", compreensão que exigia um determinado tipo de comportamento não apenas dos homens, mas também das mulheres que decidissem ingressar à luta armada.

Não pretendo aqui conjecturar que a situação de Wilson era a mesma ou extremamente parecida com a de Herbert. O fato de Wilson expor publicamente a sua

[16] Apenas tive acesso ao "Ante-projeto de programa do PSTU (1ª Versão)". Nele, destaca-se a atenção dada à análise de conjuntura, ao debate econômico, às discussões teóricas, bem como às disposições de organização interna do partido. Quanto às opressões, somente a opressão da mulher recebe um tópico e propostas específicas. Não sendo abordadas, por exemplo, a questão racial e "homossexual" (PSTU, 1993).

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

sexualidade para os/as seus/suas companheiros(as) e de ser chamado a contribuir com um programa político sobre "homossexuais" pode esboçar as grandes diferenças de contexto. Deste modo, busco tão somente enfatizar que outras vozes, anteriores a de Wilson, já demonstravam que as opressões de gênero e sexualidade também se faziam presentes entre aqueles que se comprometiam com um projeto emancipatório.

Retomando o documento, a carta de Wilson é dividida em dez seções. A primeira parte se destina às considerações iniciais, direcionando o texto aos/às delegados(as) do congresso e à direção partidária. Posteriormente, o autor faz um grande apanhado histórico. Inicia traçando algumas linhas, inserido no conhecimento acumulado e difundido no Brasil até aquele momento, sobre as origens da opressão sexual. Para isso, toma como referência o livro "A origem da família, da propriedade privada e do Estado" de Engels. É importante notar que a referida obra de Engels possui forte influência na produção teórica do feminismo marxista ou socialista (VOGEL, 2022, p. 307-320).

Em seguida, Wilson (1994, p. 3-4) volta-se para as lutas nos Estados Unidos, partindo da rebelião de Stonewall e seus desdobramentos organizativos para então analisar os retrocessos ocorridos nas décadas de 1970 e 1980 no contexto estadunidense. Ao transitar para a realidade brasileira, destaca alguns marcos iniciais do movimento homossexual no país: o surgimento do jornal Lampião da Esquina, a atuação do Grupo Somos e o papel da Facção Homossexual da Convergência Socialista. Por fim, conclui esta seção introdutória com uma análise de conjuntura sobre o movimento LGBT brasileiro durante a década de 1990. Este breve panorama histórico se faz importante, pois, segundo Wilson, grande parte dos(as) militantes da organização desconheciam o tema.

Mais adiante, o autor detalha a relação repleta de contradições entre o marxismo e a diversidade sexual. Dando atenção ao que teria sido a posição inicial da União Soviética de não interferência nos assuntos sexuais, bem como as consequências da política tocada no período stalinista. Wilson (1994, p. 6) argumenta que essa guinada conservadora sob Stalin teria se tornado referência para diversos partidos comunistas mundialmente. Com o intuito de evidenciar essa influência, reproduz declarações de militantes de organizações

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

revolucionárias brasileiras entrevistados por Hiro Okita, que caracterizavam a homossexualidade como "decadência", "doença" e/ou "problema".

Alinhando-se à discussão congressual, Wilson passa a justificar a necessidade de um programa específico para os "homossexuais" sem que isso signifique relegar a luta pelo socialismo, do contrário, compreende que a luta pela libertação sexual deve ser parte integrante da luta pela superação do capitalismo. Para tanto, cita os dados então disponíveis e as consequências à segurança, saúde, condições de trabalho e de sociabilidade dos(as) homossexuais. Assim, entende que a "organização é a única saída", considerando que a inserção dessas pautas em organizações políticas promove a forma mais eficaz de se combater a discriminação. Silva defende que os "verdadeiros" revolucionários sabem que a construção de um mundo sem preconceitos, discriminação e exploração somente será atingível se os setores oprimidos forem respeitados (SILVA, 1994, p. 6-8).

Na conclusão, Wilson sistematiza um programa pioneiro para a luta homossexual nos anos 1990, concebido como ponto inicial de uma discussão que demandaria ampla participação coletiva. Silva (1994, p. 8-9) interpreta esta proposta como um conjunto "mínimo" de reivindicações, que organizo em cinco eixos principais:

a) Legislativo: reconhecimento da união estável e seus direitos previdenciários correlatos; criminalização da discriminação contra homossexuais; combate a quaisquer normas discriminatórias;

b) Organizativo: defesa do direito de livre associação e expressão, incluindo o combate e a denúncia de instituições repressoras; criação de fóruns municipais, estaduais e nacional de defesa dos direitos homossexuais;

c) De comunicação: combate à difusão midiática de estereótipos; denúncia às campanhas governamentais sobre HIV/AIDS e "doenças" sexualmente transmissíveis (DSTs)[17], que vinculavam essas doenças à orientação sexual;

d) Educacional: defesa da inclusão da disciplina "Educação Sexual" nos currículos escolares e incorporação da discussão sobre diversidade sexual;

[17] Atualmente, utiliza-se a expressão infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

e) Partidário: proibição da discriminação interna; política de conscientização em todos os setores do partido; fomento à criação de grupos e comissões de gays e lésbicas em níveis regional e de base.

Este escrito de Wilson tornou-se um marco fundamental para a inserção da pauta LGBTI+ no PSTU, viabilizando a criação da Secretaria Nacional LGBTI+ do partido, sendo fundada no mesmo ano que a legenda partidária (PSTU, 2002). Desde então, o PSTU tem atuado, ainda que de maneira crítica, no movimento pela diversidade sexual. Assim, poucos anos após o Congresso Nacional de Fundação do PSTU, temos o registro de que a agremiação esteve presente no que é considerada a primeira Parada LGBTI+ do Brasil, que foi realizada em São Paulo no ano de 1997:

Figura 4 - Fotografia de Wilson Honório da Silva na Primeira Parada LGBTI+ do Brasil em São Paulo (1997).



Fonte: acervo pessoal de Wilson Honório da Silva.

Pontos de partida

Procuro evitar ser presunçosa e, portanto, empenho-me em reconhecer as limitações dos meus desenhos de pesquisa, bem como as eventuais falhas presentes no processo e

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

conclusão das investigações. Sendo assim, em vez de pensar em uma única ou algumas conclusões, proponho alguns pontos de partida para demais análises e estudos, que possam preencher outras lacunas históricas e até mesmo questionar os resultados aqui obtidos. Entendo que, assim, coloco-me em diálogo com aqueles(as) que cruzarem com as palavras deste texto.

O artigo se propôs a divulgar e reconstituir parte do processo de inserção da luta LGBTI+ no PSTU. Para tanto, retomei alguns textos clássicos da historiografia LGBTI+ no Brasil e naveguei pelo Acervo Leon Trótsky da LIT-QI que, aliás, foi-me apresentado por um militante do PSTU. Nesse sentido, não posso deixar de agradecer as muitas colaborações e contribuições que recebi para que esse trabalho fosse elaborado. Ainda, durante a realização da pesquisa, alguns registros escritos atinentes ao tema foram inseridos na plataforma digital do acervo. Essa ação dos(as) militantes responsáveis possuía como objetivo final me auxiliar na pesquisa e, também, contribuir com a publicização de fragmentos da trajetória de uma organização política que tem encampado diversas lutas emaranhadas entre si, mas fundamentais para construção de uma nova realidade social livre de preconceitos, discriminação e exploração.

Do Acervo Leon Trótsky foquei as análises, sobretudo, nos periódicos da CS e nos documentos do Congresso Nacional de Fundação do PSTU. A quantidade de material armazenada no acervo é vasta, o que indica a viabilidade para novos estudos em torno do tema, bem como acerca de outros pontos da trajetória da agremiação partidária.

Durante a pesquisa, não pude deixar de observar o pioneirismo do PSTU, frente aos demais partidos políticos, quanto à compreensão de que se faz necessário combater a LGBTIfobia, que está intrinsecamente entrelaçada com o nosso sistema de produção e reprodução social [capitalista]. Essa linha política - adotada desde a sua fundação no ano de 1994 -, é fruto da tentativa, busca e compromisso de (re)conhecer a condição *humana* em todas as pessoas e de reivindicar um futuro melhor a todas e todos sem desconsiderar suas especificidades. Referida noção, profundamente colaborativa, é interpretada por mim como

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

um processo de abertura para que todos(as) os trabalhadores(as) participem ativamente da construção de um projeto e processo revolucionário.

O militante Wilson, em suas exposições, costuma citar a música "Podres Poderes" de Caetano Veloso (1984) - que traz os seguintes versos: "Enquanto os homens exercem seus podres poderes / Índios e padres e bichas, negros e mulheres / E adolescentes fazem o carnaval" -, afirmando que era recorrente ouvir entre os revolucionários o trocadilho "bichas, negros e mulheres para depois do carnaval" (NEAM, 2024). Entendo o "carnaval", neste contexto, como a revolução socialista e vejo enorme potencialidade em se fazer essa analogia.

O carnaval brasileiro, conforme análise de Lélia Gonzalez (A CASA DE VIDRO, [202-]), configura-se como fenômeno cultural de dupla natureza: ao mesmo tempo que subverte a ordem social estabelecida através da inversão de valores, reforça os elementos centrais da cultura popular brasileira. Essa dinâmica carnavalesca oferece um modelo analítico pertinente para a compreensão da articulação de projetos políticos revolucionários que buscam articular transformação social e mobilização coletiva sem que se desconsidere - na feitura da festa - aqueles(as) que são constantemente oprimidos, como, "bichas", negros e mulheres.

Na última seção deste trabalho, examino com maior atenção algumas das discussões que proporcionaram a incorporação da questão LGBTI+ no PSTU, colocando como um dos protagonistas deste movimento o militante Wilson Honório da Silva, que elaborou reivindicações "mínimas" que o partido deveria abraçar. É interessante ver que, atualmente, em um cenário mundial marcado por enormes retrocessos de direitos à população LGBTI+, em 1994, Wilson já apontava para a necessidade da luta pela criminalização da "homofobia", do combate a leis discriminatórias, bem como à inserção da "educação sexual" nas escolas.

No entanto, do germinar ao florescer, há um longo percurso que por vezes se passa despercebido. A semente, se não está em solo fértil e não se encontra em condições viáveis, pode atravessar diversos percalços e até mesmo não gerar qualquer flor ou fruto. Entre a proposta de uma linha política que abrace a luta pela libertação sexual e a sua prática efetiva,

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

há um terreno propício para disputas. Wilson, em seus textos mencionados neste artigo, nos traz pistas de que o partido, em seu cerne, deveria trabalhar a questão na conscientização, introdução e engajamento dos(as) militantes sobre a questão.

A investigação parcialmente divulgada neste artigo é incapaz de revelar todos os entraves para que o PSTU engendrasse e efetivasse a luta pela libertação sexual disposta em seu programa. Entretanto, ao ter participado do "Bloco LGBTI+ de esquerda" na Parada LGBT+ de São Paulo no ano de 2023, posso propor a leitura de que, apesar dos desafios e possíveis tensionamentos internos, a legenda e seus/suas militantes têm se empenhado em carregar essa bandeira.

Referências bibliográficas

A CASA DE VIDRO. **O Carnaval e o Mito da Democracia Racial segundo Lélia Gonzalez**. [202-]. Disponível em: https://acasadevidro.com/o-carnaval-e-o-mito-da-democracia-racial-segundo-lelia-gonzalez/. Acesso em: 06 maio 2025.

ALMEIDA, Juniele R. de; ROVAI, Marta G. de O. Apresentação. *In*: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta G. de O. (org.). **I, bem como da exntrodução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 7-18.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/*La Frontera*:** la nueva mestiza. Madri: Capitán Swing Libros. 299 p.

CARNEIRO, João. Esquerda, direita, um dois. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, p. 2-2. abr. 1980. Disponível em: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/23-ed-jornal-lampiao-da-esquina-abril-1980/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=23&source_list=collection&ref=%2Fjornal-lampiao-da-esquina-1978-1981%2F%3Fperpage%3D12%26view_mode%3Dcards%26paged%3D2%26order%3DASC%26orderby%3Ddate%26fetch_only%3Dthumbnail%252Ccreation_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch_only_meta%3D. Acesso em: 28 abr. 2025.

COSTA, Clarissa R. N. da. **Manchando:** (o que) fazer (com) a menstruação. Estratégias e experimentos para vazar questões feministas através das tecnociências. 2024a. 341 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024. Disponível em:

https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=573543&tipoMidia=0. Acesso em: 28 abr. 2025.

COSTA, Clarissa R. N. da. **Como Criar Figurações e Habitar uma Pesquisa STS Feminista:** um manual faça-você-mesmo. Um Manual Faça-você-mesmo. 2024b. Disponível em: https://blog.castac.org/multilingual/como-criar-figuracoes-e-habitar-uma-pesquisa-sts-feminista-um-manual-faca-voce-mesmo/. Acesso em: 30 abr. 2025.

CRUZ, Rodrigo. Do protesto de rua à política institucional: a causa homossexual nas eleições de 1982. *In*: GREEN, James N. *et al.* (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 255-278.

CS - Convergência Socialista. Decadência e crise da velha esquerda. **Convergência Socialista**. [*S. l.*], p. 11. 11 nov. 1992. Disponível em: https://archivoleontrotsky.org/kardexes/56?page=5. Acesso em: 02 maio 2025.

FARIA, Marcos M. de. A experiência do Movimento Convergência Socialista. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 12, n. 22/23, p. 221-260, set. 2010. Disponível em: https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2525/1935. Acesso em: 25 mar. 2025.

FH - Facção Homosexual (São Paulo). **Boletim 01:** facção homossexual da convergência socialista. Facção Homossexual da Convergência Socialista. 1981a. Disponível em: https://cedoc.grupodignidade.org.br/faccao-homossexual-da-convergencia-socialista/boletim-01-faccao-homossexual-da-convergencia-socialista-cs-abril-de-1981/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=0&source_list=collection&ref=%2Ffaccao-homossexual-da-convergencia-socialista%2F%3Fperpage%3D12%26view_mode%3Dcards%26order%3DASC%26orderby%3Ddate%26fetch_only_meta%3D%26paged%3D1%26fetch_only%3Dthumbnail%252Ccreation_date%252Ctitle%252Cdescription. Acesso em: 26 mar. 2025.

FH - Facção Homosexual (São Paulo). **Boletim 02:** facção homossexual da convergência socialista. Facção Homossexual da Convergência Socialista. 1981b. Disponível em: https://cedoc.grupodignidade.org.br/faccao-homossexual-da-convergencia-socialista/boletim-02-faccao-homossexual-da-convergencia-socialista-cs-maio-de-1981/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=1&source_list=collection&ref=%2Ffaccao-homossexual-da-convergencia-socialista%2F%3Fperpage%3D12%26view_mode%3Dcards%26paged%3D1%26order%3DASC%26orderby%3Ddate%26fetch_only%3Dthumbnail%252Ccreation_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch_only_meta%3D. Acesso em: 26 mar. 2025.

GREEN, James N. "Mais amor e mais tesão": a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 2000, n. 15, p. 271-295, jun. 2015. Disponível em:

https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635596. Acesso em: 14 maio 2023.

GREEN, James N. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na américa latina. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 10, n. 18, p. 17-39, 2003. Disponível em: https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/download/2508/1918. Acesso em: 08 maio 2023.

GREEN, James N. Forjando alianças e reconhecendo complexidades: as ideias e experiências pioneiras do Grupo Somos de São Paulo. *In*: GREEN, James N. *et al* (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 39-62.

GREEN, James N. **Escritos de um viado vermelho:** política, sexualidade e solidariedade. São Paulo: Editora Unesp, 2024. 575 p.

GREEN, James N *et al*. Apresentação. *In*: GREEN, James N. *et al.* (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 9-14.

GREEN, James N.; LIMA, Andréa; MACHADO, Frederico V. Revolucionário e gay: identidades inconciliáveis? entrevista com James Green. **Psicologia & Sociedade**, [*S. l.*], v. 32, p. 1-12, jan. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/Dgt9M4Yz5jY7NzF9nz8szpd/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 05 maio 2025.

HALBERSTAM, Jack. **Trans***: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade do gênero. Salvador: Devires, 2023. 166 p.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. *In*: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8891660/mod_resource/content/1/%282003%29%20Haraway.%20Manifesto%20ciborgue.pdf. Acesso em: 01 mai. 2025.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773. Acesso em: 28 abr. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 283 p.

KAREPOVS, Daniel; LEAL, Murilo. Os Trotskismos no Brasil: 1966-2000. *In*: Ridenti, Marcelo; Aarão, Daniel. **História do Marxismo no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 153-238. v. 6.

LEMARX - Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas da UFBA. **Marxismo e a luta contra as opressões, com Wilson Honório da Silva**. 10 abr. 2021. YouTube: @lemarx4243. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yBGedXlF90M. Acesso em: 02 maio 2024.

LEODORO, Silvana. "Donna Haraway". *In:* **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2022. Disponível em: https://ea.fflch.usp.br/autor/donna-haraway. Acesso em: 01 mai. 2025.

LGBT COMUNISTA. **Pela vida das pessoas trans:** basta de recuar, é hora de avançar!. [*S. l.*], 2023. Disponível em: https://lgbtcomunista.org/2023/06/08/pela-vida-das-pessoas-trans-basta-de-recuar-e-hora-de-avancar/. Acesso em: 28 abr. 2025.

MACRAE, Edward. Identidades homossexuais e movimentos sociais urbanos no Brasil da "Abertura". In: Green, James N. *et al* (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 63-78.

MARTINS, Carla B.; OLIVEIRA, Rayane N. Diálogos feministas a partir da Teoria da Reprodução Social. **Germinal:** marxismo e educação em debate, Salvador, v. 15, n. 3, p. 50-74, dez. 2023. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/57580/31131. Acesso em: 03 maio 2024.

MARTINS DE PAULA, Helga M. *et al*. Marxismo, gênero, sexualidade e a luta anticapitalista: debates e controvérsias. **Germinal:** marxismo e educação em debate, Salvador, v. 15, n. 3, p. 1-15, dez. 2023. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/58623/31125. Acesso em: 05 maio 2024.

NEAM (São Paulo). Pontifícia Universidade Católica. **ATP NEAM 2024.2:** questão lgbtqiapn+ - mesa 1 - contextualização do movimento lgbtqiapn+ no brasil. 12 out. 2024. YouTube: @neampucsp. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=42Ehx7IQxoU&t=1s. Acesso em: 02 maio 2025.

NEVES, Lucilia. de A. N. O Partido Comunista Brasileiro: trajetória e estratégias. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, p. 171–174, out. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/hF6W8ZGPPYqnDs7dFjqdYLC/?lang=pt. Acesso em: 27 abr. de 2025.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade da opressão à libertação**. São Paulo: Sundermann, 2007. 136 p.

PSTU. **Um programa para a revolução proletária dez/1993:** ante-projeto de programa do PSTU (1a. versão). [*S. l.*], 1993. Disponível em: https://archivoleontrotsky.org/view?mfn=22285. Acesso em: 4 maio 2025.

PSTU. **Lutando contra a discriminação sem medo de ser diferente**. [*S. l.*], 2002. Disponível em: https://www.pstu.org.br/lutando-contra-a-discriminacao-sem-medo-de-ser-diferente/. Acesso em: 22 maio 2023.

PSTU. **Origens:** uma história de trinta anos. uma história de trinta anos. [*S. l.*], 2004. Disponível em: https://www.pstu.org.br/origens-uma-historia-de-trinta-anos/. Acesso em: 28 abr. 2025.

ROVAI, Marta G. de O.; MEDEIROS, Kenia G. Saberes, experiências e diálogos: ensino de história, gênero e história pública. **Revista Ensino & Pesquisa**. v. 19, n. 1, p. 138-153, jan./abr. 2021.

SANTOS, Gustavo G. da C. Movimento LGBT e partidos políticos no Brasil. **Contemporânea**. v. 6, n. 1, p. 179-212, jan/jun. 2026. Disponível em: https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/393/162. Acesso em: 28 abr. de 2025.

SILVA, Claudio R. da. **Reinventando o sonho:** história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SILVA, Wilson H. **Sobre o programa para os homossexuais**. São Paulo, 1994. Disponível em: https://archivoleontrotsky.org/view?mfn=22577. Acesso em: 27 de abr. 2025.

SILVA, Wilson H. **LGBTI:** 54 anos depois de stonewall, é preciso seguir lutando. E muito!. [*S. l.*], 2023a. Disponível em: https://www.opiniaosocialista.com.br/lgbti-54-anos-depois-de-stonewall-e-preciso-seguir-lutando-e-muito/. Acesso em: 28 abr. 2025.

SILVA, Wilson H. da. **Estive hoje no debate "Desafios das LGBTIs e a Parada de São Paulo: pela vida das pessoas trans desde a infância" [...]**. Instagram, 3 jun. 2023b. Instagram: @wilson.h.silva. Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/CtDFnzdgVs9/?igsh=MTg3ZW41ZjF2dmFkZg==. Acesso em: 1 mai. 2025.

SIMÕES, J. Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris:** do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. 196 p.

SOLIVA, Thiago B. A confraria gay: um estudo sobre a trajetória da Turma OK. *In*: Green, James N. *et al* (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 121-136.

TOITIO, Rafael D. **Cores e contradições:** a luta pela diversidade sexual e de gênero sob o neoliberalismo brasileiro. a luta pela diversidade sexual e de gênero sob o neoliberalismo brasileiro. [*S. l.*], 2016. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=496310. Acesso em: 22 maio 2023.

TREVISAN, João S. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000. 586 p.

VELOSO; Caetano. **Podres poderes**, 1984. Disponível em: https://youtu.be/Y2rzsnxyggY?si=H3B-bZmpEutyIlGQ. Acesso em: 5 maio 2025.

VEYNE, Paul M. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. 285 p.

VOGEL, Lise. **Marxismo e a opressão às mulheres:** rumo a uma teoria unitária. São Paulo, Expressão Popular, 2022. 455 p.

VIEIRA, Rachel da M. Teoria da Reprodução Social: contribuição do feminismo marxista à análise da opressão às LGBTQIA+ trabalhadoras. *In*: Seminário Nacional Sociologia & Política UFPR. **Anais**. Curitiba(PR) UFPR, 2024. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/13-seminario-nacional-de-sociologia-e-politica-398969/838878-TEORIA-DA-REPRODUCAO-SOCIAL---CONTRIBUICAO-DO-FEMINISMO-MARXISTA-A-ANALISE-DA-OPRESSAO-AS-LGBTQIA-TRABALHADORAS. Acesso em: 03/05/2025

WEIGEL, Moira; Haraway, Donna. Uma enorme e pretensiosa ninhada: donna haraway sobre verdade, tecnologia e resistência à extinção. **Garrafa**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 57, p. 20-40, jan. 2022. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/55723/pdf. Acesso em: 01 maio 2025.